

METÁFORAS DO PARENTESCO E A DURAÇÃO EM POLÍTICA*

Letícia Bicalho Canêdo
Universidade de Campinas
Faculdade de Educação

Uma das questões básicas a propósito do mundo político é a de saber como esse mundo dura, preserva dentro das pessoas o conjunto de relações que constituem a sua ordem. Algumas reflexões feitas sobre esta problemática estão presentes nesse artigo, escrito a partir de dados de uma pesquisa projetada com uma preocupação principal: desvendar modelos de ação praticados por determinados grupos familiares na preservação do seu poder político.

A base da pesquisa é uma família da Zona da Mata de Minas Gerais, reconhecida na sua região eleitoral como 'uma família de homens políticos'. Isto porque, há mais de um século, alguns de seus membros, geração após geração, vêm obtendo sucesso na ocupação de posições legítimas no espaço do poder.¹ Um sucesso alcançado dentro dos limites

* Versão modificada do texto apresentado nas Jornadas Internacionais sobre a História da Família, realizadas no Departamento de História da FFLCH da USP em 27-29 de setembro de 1994. A pesquisa para este trabalho foi financiada pelo CNPq.

1. A pesquisa utilizou como fonte principal uma genealogia publicada, escrita por um membro da família, Waldemar Alves Pequeno. Intitula-se *Raízes mineiras e cearenses*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971. Essa genealogia completa-se com um outro trabalho do gênero: *Barbacena, a terra e o homem*, de Nestor Massena. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985. Esses trabalhos foram inteiramente reconstruídos com o auxílio da informática e completados com entrevistas. Parte dos resultados desse estudo encontra-se nos artigos de Letícia Canêdo — 'Estratégias familiares na construção social de uma qualifi-

das possibilidades oferecidas pelo costume e pelas regras jurídicas.

Sendo assim, meu interesse neste estudo está em compreender dois aspectos da prática política desse grupo familiar. Apresento-os aqui em forma de interrogação:

1- como se produz historicamente um *savoir faire* político;

2- quais os instrumentos de percepção e interpretação das ações políticas dessa sociedade que concede tal peso à família, ao mesmo tempo em que afirma a igualdade dos cidadãos ao desenvolver e aperfeiçoar leis visando torná-la cada vez mais democrática. Refiro-me, especialmente, às normas eleitorais e aos partidos políticos que tornam, fazem ver ou crer como caducas — ou até mesmo arcaicas — as atividades desenvolvidas pela família no campo político e social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço político e das relações sociais.

Na tentativa de compreender estes aspectos contraditórios, o meu desejo é alcançar o sentido da duração existente no mundo político.

A duração em política é uma problemática mal pensada pelos historiadores que ainda não encontraram motivação necessária para refletir sobre as normas de conduta política interiorizadas nos cérebros e nos corpos por meio, principalmente, de rituais familiares. Ora, é ainda no interior das famílias e das redes de parentesco e amizade que se transmitem as chamadas vocações, as convicções ideológicas e o posicionamento partidário, sem querer insistir em mencionar

cação política', em *Educação e sociedade*, ano XII, agosto de 1991; e 'Caminhos da memória: parentesco e poder', em *Texto de História*. UnB, vol.2, nº 3, 1994.

o gosto, ou até mesmo a postura corporal. Mesmo assim, a maioria dos estudos que tomam por objeto os processos de troca característicos da democracia representativa não costuma se preocupar em relacionar o político com os acontecimentos vividos no cotidiano familiar. Encerrados nas oposições entre acontecimento e longa duração, entre vontades singulares e determinismos estruturais, não só os historiadores mas também, e principalmente, os sociólogos e cientistas políticos encontram dificuldades para saber como e o que pensar sobre grupos restritos, e principalmente sobre o quê, pela ação desses mesmos grupos, permanece na memória política.

No entender de um cientista político mineiro, o que permanece é a luta política, que “na memória dos velhos é lembrança que não morre na orientação política”. Cid Rebelo Horta escreveu esta frase ao narrar a pressa com que o irmão de Benedito Valadares se dirigiu ao Palácio da Liberdade para alertá-lo da chegada do ministro da Educação Gustavo Capanema: — “Não te esqueças, Benedito, que esse Capanema é um conservador...”. E o Horta reafirma a força dessa memória familiar de orientação liberal na ordem dada pelo mesmo Benedito, ainda interventor, ao seu secretário particular durante as solenidades comemorativas do centenário da Revolução de 1842: — “elogie o Exército, mas não endeuse muito aquele Caxias, não, porque minha família sempre foi contra ele”.²

Preocupo-me com esse aspecto da memória política que assegura a dominação de dois grupos suficientemente rivais porque é ele que evita o perigo de o mecanismo social se desequilibrar.

2. Cid Rebelo Horta. 'Famílias governamentais em Minas Gerais', em II Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte: UFMG, 1965.

Na região da Zona da Mata em estudo, como em várias outras de Minas Gerais, essa 'luta política' conseguiu criar uma organização que faz da política uma das dimensões mais importantes das relações sociais. A população dessas regiões se divide em duas facções 'familiares' que se alternam no poder, mas não se opõem por nenhum motivo ideológico. A orientação eleitoral segue os padrões ancestrais. Mas está, como sempre esteve, rotulada com siglas partidárias: Conservador x Liberal; UDN x PSD; Arena 1 x Arena 2; PMDB x PTB, demonstrando que é só corporificado num partido estruturado, e com mecanismos de controle formais negociando interesses, que o grupo familiar consegue força e poder para fazer frente à facção rival. "Não me considero herdeiro de uma pessoa, mas herdeiro de um partido", me disse Pio Canêdo, na atividade política desde os anos 1920, em substituição ao seu tio, que por sua vez havia substituído o pai, sobrinho de um estadista do Império etc. Todos conservadores.

Dessa maneira, independente do fato de existirem outras siglas partidárias sendo usadas pelas duas facções da Zona da Mata, permanece ainda, na região, a dificuldade de os partidos com plataformas ideológicas, como o PT, sobreviverem nessa luta de padrão binário. Uma luta marcada por tensões que dão às duas facções direitos mais ou menos iguais, ao permitir, de forma ritualística, a alternância dos dois grupos rivais no poder por meio de eleições competitivas, onde a porcentagem de votos nulos, ou em branco, é pequena.³ "A rivalidade local preserva o poder político",

3. Nas eleições de Muriaé (MG), em 1962, a diferença entre o candidato vencedor (PSD) e o perdedor (UDN) foi de 3,3 pontos percentuais. Os votos nulos foram de 2,65%. Nas eleições de 1976 a diferença entre o candidato da Arena I e da Arena II ficou em 7,36%, com o MDB I e MDB II (com plataforma ideológica) somados recebendo somente 2,10% dos votos. Votos nulos foram de 0,88%. Nas eleições de 1982, a diferença entre o candidato do PDS e o do

gostava de dizer Benedito Valadares. “Evita-se a entrada de estranhos na realidade municipal”, completa um outro político, dentro da mesma lógica mitológica que propicia opor figuras alegóricas de dominação para encarnar fúrias de vingança: “Ganhamos a eleição. Estamos vingados”, disse um eleitor à pesquisadora, após saber da vitória da sua facção familiar nas urnas. Quem ganhou? O PTB, o partido político, disse o candidato vitorioso. Não foi a família.⁴

É essa insistência na organização partidária um dos aspectos importantes que diferenciam esse fenômeno — reprodução familiar em política — do personalismo existente em movimentos como ‘janismo’, ‘ademarismo’ e outros. Importa aqui considerar a duração em política, e não fenômenos passageiros presos a movimentos políticos.

A compreensão dessa duração implica, portanto, a análise das ações e reações de grupos dinâmicos que se envolvem numa espécie de jogo que sustenta divisões e tensões capazes de estabilizar a vida social numa espécie de equilíbrio instável. Não é uma tarefa sem interesse procurar compreender como as pessoas se ligam umas às outras formando grupos dinâmicos, presos a modos específicos de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe esse equilíbrio móvel de tensões. Norbert Elias bem já o demonstrou.⁵ E não se pode esquecer o quanto a animação alcança-

PMDB (vitorioso) foi de 3,63%. O PT (com plataforma ideológica) recebeu 0,6% dos votos. Votos nulos foram de 2,66%. Nas eleições de 1988 a diferença entre o vencedor (PTB) o e perdedor (PMDB) foi de 3,01%. Nas eleições de 1992 foi de 3,09% o número de votos nulos, e o PT recebeu 8,01% dos votos. Fonte: Registro do Cartório Eleitoral — Muriaé.

4. Entrevistas de pesquisas realizadas em 8 novembro de 1988, com Benedito Nunes, e no dia 20 de dezembro de 1991 com Christiano Canêdo.
5. Norbert Elias. *La Societé de Cour*. Paris: Calmann-Levy, 1974, pp. 152-153, em especial.

da pelas eleições municipais durante o período militar enriqueceu as regras do jogo político e ajudou a dar legitimidade ao regime.⁶

Sintetizando, o que estou querendo dizer é que os estudos sobre o poder naturalizam os fatos do político ao reterem somente a expressão da luta política em siglas partidárias e em resultados numéricos das eleições, supostamente decodificáveis por qualquer pessoa. No meu entender, eles apagam, numa tipificação, toda uma construção social, como que esquecendo a sua complexidade.⁷ Deixam também ausentes os processos de ritualização existentes nas diversas trocas de favores e alianças intrincadas na nossa representação dos fatos do poder. Tal como o cartunista, que para marcar determinada expressão torna ausente muitos traços que eram presentes no corpo desenhado, a redução estilizada existente nos estudos sobre política contemporânea torna ausente os traços do enraizamento ancestral. Os mesmos enraizamentos que, não se sabe por quais instrumentos de percepção, continuam a gerar paixões e ações que resultam na divisão da população em duas facções. Melhor dizendo, tornam ausentes o que permanece numa prática como que estabilizada no futuro. É nessa prática que penso estar presente o que dá sentido à duração em política.

A minha hipótese é de que essa prática opera de forma ritualizada, razão pela qual venho me utilizando deles como instrumento de trabalho para pensar novas hipóteses sobre condutas políticas.

6. Ver, em especial, Frances Hagopian. *The Politics of Oligarchy: the persistence of traditional elites in contemporary Brazil*. Tese de doutoramento. Massachusetts, 1990.

7. Sigo aqui as pegadas deixadas pelo meu colega Milton de Almeida, a quem devo discussões proveitosas sobre o tema. Ver Milton de Almeida. *Imagens e sons, a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994.

Escolhi como exemplo a prática de dois rituais. Com eles, tento compreender algumas das estratégias utilizadas pela família em estudo para justificar seu patrimônio político, dar uma carga simbólica ao nome da família e, dessa maneira, confundir, por meio da memória, o destino dos eleitos com o da coletividade.⁸ Por meio deles, procuro também mostrar como os membros dessa família de profissionais na política — que nunca possuíram capital econômico fundiário — se situam diante “do outro lado” — com vinculação econômica, mas que nunca alcançou vãos políticos em nível nacional.

A primeira escolha recaiu sobre um ritual familiar realizado num lugar banal, um cemitério, onde descobri uma das maneiras pelas quais são produzidas as práticas que asseguram, transmitem e dão sentido a parentescos que trazem significado relevante para o serviço de acumulação do patrimônio político familiar. A segunda escolha recaiu sobre a comemoração de uma data da cidade. Considero-a privilegiada para esse estudo porque permite observar alguns dos elementos da experiência familiar que o grupo procura lembrar e ver lembrados. Esses elementos, na data festiva, misturam, na memória da população da cidade, a memória da prática política da família com as lembranças ligadas à sociedade em geral. Mais do que confundir a memória da população, a comemoração ajuda a ver, em execução, o trabalho do grupo político profissional para manter e reativar o seu poder eleitoral pela distribuição (ou promessa de distribui-

8. As estratégias são vistas aqui no sentido atribuído por Bourdieu. Ver *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980. Sobre as estratégias dessa família em estudo ver Letícia Canêdo. *Caminhos da memória: parentesco e poder*, opus cit.

ção) de favores, condecorações e ofertas de políticas públicas.⁹

Considero esses dois rituais importantes menos porque seriam representativos de uma situação modal, mas porque eles permitem relacionar as duas ordens de fatos que a razão dominante tende a manter afastadas, senão a considerar como totalmente opostas: os procedimentos rituais e os processos de transmissão de saberes. Melhor dizendo, o lado ativo do conhecimento prático diante da incerteza.

O procedimento ritual diante da morte e a reprodução familiar

Ao relatar esse ritual realizado num cemitério, minha intenção é mostrar que, na cerimônia, está em jogo, antes de tudo, o equilíbrio da família. Um equilíbrio necessário para a garantia da coesão e da solidariedade, elementos fundamentais para os detentores de um patrimônio político emaranhados numa história de longo prazo.

Na verdade, são a coesão e a solidariedade o que evidencia, na seqüência de um funeral, a diferença existente entre o detentores de um capital político e os detentores de um capital econômico. Ora, os membros de um 'família de políticos' não precisam sofrer o constrangimento de verem somente herdeiros legítimos e testamentários entrarem na posse da herança do falecido. Ao contrário, numa 'família de

9. Ver sobre as trocas políticas o importante trabalho de Michel Offerlé "Mobilisation électorale et invention du citoyen l'exemple du milieu urbain français a la fin du XIX siècle", em Gaxie (org.). *Explication du vote*. Paris: Presses de la ENSP, 1989. O autor aí faz a distinção, de acordo com a origem (público ou privado), entre os diversos recursos políticos que são distribuídos ao eleitor.

políticos', não só os parentes mas toda a parentela devem se sentir herdeiros, já no funeral. Como herdeiros, devem assumir as obrigações irrecusáveis adquiridas da posse e do domínio dos bens simbólicos do falecido, pois a renúncia a esses bens significaria a morte política do grupo. São eles que dão a coesão necessária à família, ao mesmo tempo em que garantem os laços de clientela.

O caso relatado a seguir, saído da pesquisa em curso, é o de uma das formas de transmissão dos bens simbólicos que dão significado à coesão familiar. Procura mostrar que, como esses bens não são herdados simplesmente, as pessoas necessitam se sentir herdeiras antes de aceitar uma herança. Sentir-se herdeiro é uma aprendizagem adquirida no seio de um grupo político que precisa garantir sua integridade para se afirmar no poder e fazer frente ao grupo rival.

O enterro do Augusto

Augusto morreu. Era médico, fazendeiro e antigo vereador municipal. Conhecido como descendente direto de barão (barão do Monte Alto) e sobrinho-neto de Afonso Penna, o sexto presidente da República brasileira, Augusto sempre foi considerado um homem ilustre na cidade. Em meio ao desalento causado pela sua morte, seu filho decidiu enterrá-lo no grande cemitério da Igreja Católica, dito o 'cemitério de cima'.

Ocorre que este não era o costume familiar. Os parentes de Augusto estavam enterrados no pequeno cemitério municipal, o 'de baixo'. Enterrar os mortos da família no cemitério público sempre foi uma das formas de distinção dos políticos da cidade. Um fato a mostrar até que ponto o privado pode se transformar num negócio público, ou como o público está presente no privado.

Ao tomar conhecimento da intenção do filho de Augusto, o membro mais idoso da família, Afonso, ficou bastante inquieto, agitando toda a família em função do local onde seu primo seria enterrado. Com 89 anos de idade e bastante dificuldade de locomoção, ele procurou reverter a situação com a ajuda de um filho, político profissional da ala mais jovem. Aparentemente nada poderia ser feito porque toda a cerimônia já havia sido providenciada. Mas seu Afonso não descansou para atingir seu propósito de transferência de cemitério.

O serviço de transferência não era simples, já que o túmulo do pai de Augusto no 'cemitério de baixo' era muito pequeno. Os ossos ali depositados haviam sido transferidos de outra cidade vários anos após a sua morte. Havia a necessidade de aumentar este túmulo. Além disso, o enterro estava marcado para as primeiras horas da manhã, o que significava a necessidade de o trabalho ter que ser realizado durante a madrugada. Convencer o coveiro a trabalhar fora do expediente não era, também, tarefa nada fácil. Da mesma forma, conseguir licença da Prefeitura para a ampliação do túmulo, sem falar na regulamentação da situação no cemitério católico.

Mesmo assim, na tentativa aflita de impedir um ato considerado desastroso, o senhor idoso conduziu o filho do 'primo Augusto' até o cemitério municipal, acompanhado de familiares e de alguns amigos. Mostrou-lhe o túmulo de seu avô, de seu tio-avô, de seus bisavós (todos nomes de rua na cidade), dando na sua argumentação acento sobre a posição que eles ocuparam na sociedade e a importância política de cada um deles. Fez ver também que os parentes mortos reunidos naquele cemitério tinham por característica comum o fato de terem sido ilustres personalidades políticas. Em suma, Augusto não era um anônimo, disse seu Afonso. Num

cemitério público, bem 'personalizado', todos os mortos se conheciam e eram conhecidos do falecido. Precisavam também ser conhecidos por seus familiares vivos para se situarem melhor no espaço social.

Foi dessa maneira que seu Afonso conseguiu a concordância do filho do primo Augusto para a transferência da cerimônia. Para tal o jovem primo submeteu-se a toda uma série de atos extremamente trabalhosos. Mas foi por meio desse exercício que ele aprendeu que não poderia renunciar à sua herança simbólica.

O que torna esse caso interessante para análise é o fato de que o chefe desse cerimonial de aprendizagem, o mais velho da família, nunca foi um homem político. Ele sempre foi o irmão, o filho, o neto, o sobrinho e o pai de homens políticos. Nesse ritual, entretanto, ele revelou a incorporação de atitudes que esclarecem a duração em política da família mais do que programas de campanha política cuidadosamente preparados. Revelou, com a sua atitude, que a reprodução política só existe se é atuada e atuante. Ora, ela se torna atuada e atuante ao encontrar pessoas que, como esse senhor, se responsabilizem por ela e sejam capazes de assumir os postos que lhes são destinados em momentos de incerteza. Melhor dizendo, é preciso que alguém se apresente para fazer o que dela se espera, ou que ela própria espera de si própria. Alguém, que pelas experiências anteriores, seja dotada de aptidões para reavivar uma história.¹⁰

No enterro de Augusto, no meu entender, esse alguém assumiu o posto de oficiante de um ritual familiar encarregado de marcar, de forma virtual e perpetuada, a existência 'da família políticos unida' num espaço demarcado: o cemi-

10. Sigo algumas idéias de P. Bourdieu 'História reificada e incorporada', em *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. .

tério público.¹¹ Diante de um risco iminente para a coesão — o esquecimento — alguém da família atuou, trazendo a história. Sem qualquer conotação nostálgica no seu ato de tentar estabilizar o significado da família unida, um senhor idoso procurou reelaborar o passado no presente, valorizando-o para poder inscrevê-lo na continuidade.

Na prática desse ritual, o filho de Augusto, ao aceitá-lo, reconheceu sua posição na família, seu dever perante ela e, dessa maneira, assumiu a sua identidade social perante todos os assistentes. A liberdade de renunciar a essa herança dificilmente aparecerá a ele com tranqüilidade. Pelo contrário, por intermédio de outras cerimônias em seqüência, tudo fará para transmiti-la a seus filhos. Pelo menos foi o que fez nas primeiras eleições após a cerimônia do enterro de Augusto. Nesta ocasião, entregou ao primo candidato não só uma grande contribuição financeira como um trabalho de arregimentação de eleitores.

O político jovem da família, médico, ao acompanhar seu pai, atuou como assistente do ritual. Como político prático, ele sentiu a importância de participar do ato, tanto que relatou-o à pesquisadora, sem que lhe fosse sugerido nada. Isto não significa ele haver compreendido que contribuía para produzir sentido a algo que, para continuar existindo, precisava ser atuado. E atuado por meio de gestos a conferir significado a este algo, isto é, ao patrimônio político familiar. Um patrimônio necessitado de ser confirmado em meio à incerteza.

Os assistentes da cerimônia — familiares e parte da população da cidade —, isto é, a massa de incerteza, credi-

11. Para Halbwachs, nenhuma memória coletiva pode existir sem referência a um quadro espacial socialmente específico. Ver *Les Cadres Sociaux de la mémoire*. Paris: PUF, 1950.

taram no ato praticado, dele participando. Ao acreditar, ficaram sem outra escolha a não ser legitimar a existência de uma família de políticos prestigiosos, bastante unida. Ora, a reprodução, tanto social quanto política, não é unilateral. Ela só pode existir com a cumplicidade de pessoas cooperativas, que lhe dão sentido.

São práticas como essa que, articuladas, constroem uma maneira, uma forma, um motivo para comunicar aos outros um equilíbrio para a vida social e política. A morte, que teria ameaçado o equilíbrio, foi neutralizada pelo ritual e deixou de ser percebida como um fim catastrófico. A cerimônia de enterro, ao contrário, pôde marcar a solidez do poder de que a família se reveste e o seu domínio do tempo. Para tanto, alguém precisou nutrir a memória familiar, e a da cidade, não só de fotos e de nomes de ruas, mas também de túmulos em cemitérios. Túmulos de mortos que se apoderaram dos vivos pelo ato ritual transformado em ação histórica.¹²

A duração em política no cerimonial de comemoração do 'dia do muriaense'

Uma família de extensa memória política, que dota seus membros de uma prodigiosa parentela útil, não é sozinha capaz de realizar o milagre da reprodução de seus membros no campo do poder. Ela necessita não só de reativar a memória familiar, como procurei mostrar na cerimônia do cemitério, mas também a da população, preparando-a para o ritual maior das eleições que se sucedem em tempo marcado. Para tanto, utiliza-se de rituais preventivos, no desenrolar dos quais assegura a reprodução das relações objetivas que engendram as condutas regulares e reguladoras da população.

12. Ver Bourdieu, opus cit., 1989.

A cerimônia que descreverei a seguir permite ilustrar esses aspectos, principalmente porque se repete ano a ano desde 1955, data do centenário da cidade de Muriaé (MG). Trata-se, como se pode ver no recorte de jornal abaixo, da homenagem prestada ao fundador do 'dia do muriaense' — Antônio Canêdo.

Muriaeenses comemoram o seu dia

A já tradicional comemoração do Dia do Muriaense, reuniu autoridades e populares em frente ao busto do criador do 06 de setembro, Dr. Antônio Canêdo, para as homenagens a ele conferidas em agradecimento por instituir neste dia, o Dia do Muriaense.

A solenidade teve início às cinco horas da manhã com a alvorada, às oito horas na Praça Santos Dumont em frente ao Fórum, houve o hasteamento dos pavilhões: nacional, pelo prefeito Christiano Canêdo, do estado, pelo ex-governador de Minas Dr. Pio Soares Canêdo, e do município pelo orador oficial da cerimônia Dr. Antônio José Monteiro de Castro Neto.

Logo após as palavras do orador oficial, o maestro Hélio Teófilo dos Santos tocou o "toque de silêncio" que foi seguido pela homenagem dos alunos da Escola Estadual Dr. Antônio Canêdo que depositaram flores e cantaram o hino a seu patrono eterno.

Antônio Canêdo era médico, foi deputado constituinte em 1946 e prefeito da cidade no período 1955-1960. Morreu tragicamente quando se preparava para entregar o cargo e candidatar-se novamente a deputado. O acontecido comoveu toda a cidade, principalmente porque sua gestão realizou obras consideradas fundamentais para o município.

Essas obras foram facilitadas por suas ligações de parentesco, e escolares, com membros das direções de agências do governo, tanto estadual quanto federal. Eram caras obras



de infra-estrutura na cidade (esgotos, tratamento de água para a cidade, construção de pontes etc), além da canalização do rio Muriaé que terminou com as enchentes anuais que dramatizavam a vida da população. “Eu me lembro da época em que seu tio foi prefeito (1955-1960). Nós mantivemos muitos contatos porque ele queria executar os trabalhos do rio Muriaé”, relatou Gilberto Canêdo de Magalhães, ex-diretor do Departamento Nacional de Portos e Canais.

Antônio Canêdo, na época, possuía também um irmão que era líder do PSD de Minas Gerais, partido no governo da época. O governador era Bias Fortes, cujo pai havia substituído o avô de Antônio Canêdo na liderança dos conservadores de Barbacena. Foi o que, além dos parentescos na burocracia do Estado, facilitou ao prefeito médico pediatra o planejamento e execução de obras também na periferia e nos morros da cidade (serviço de encosta, canalização de água e esgoto), além da criação da Casa da Criança, que ainda hoje fornece assistência médica e distribui gratuitamente leite às crianças, entre outras obras de cunho social e educacional.

O que pode ser considerado símbolo político da família na cidade, que são as obras e atendimento voltado para a área da população chamada hoje de ‘baixa renda’, foi, portanto, consolidado após 1946, em plena concorrência partidária saída do ‘movimento de democratização’ que instituiu o pluripartidarismo.

Daí a importância em realizar a festa do muriaense em frente ao busto do dr. Antônio. E iniciá-la já na alvorada, com banda de música que se encaminha em direção ao busto de bronze, em frente ao Fórum, acompanhando o desfile do Tiro de Guerra e das escolas da rede pública municipal. Diante do busto, os discursos das autoridades exaltam a figura do homenageado e de seus feitos.

As escolas desfilam com temas sintomáticos, como 'Carrossel da Esperança', e outros com "conceitos que vão sendo levados às crianças de hoje para a formação do cidadão do amanhã", conforme se pode ler no noticiário do jornal da cidade, abaixo. E exaltam as figuras políticas do presente, divulgando sua atuação sem cronologia, numa continuidade que prende os membros da família do homenageado numa trama histórica eterna, noticiada por meio do desfile da escola com o tema 'Educação do Descobrimento à Municipalização':

A Escola Municipal "Professora Esmeralda Viana", primeira Escola Municipal construída em área urbana é uma das concretizações do Governo Christiano Canêdo & João Braz. Hoje a Escola atende a 400 alunos no ensino de 1º Grau, de Pré-Escola à 5ª Série, no Bairro Inconfidência. Seus alunos homenagearam os "200 anos da Inconfidência Mineira" — Um movimento nativista, de ideais liberais, baseados na Revolução Francesa. Apesar das crises que o país atravessa o ideal de liberdade não pode acabar. E no Bairro Inconfidência esta semente foi plantada com a inauguração pela atual Administração da Escola Esmeralda Viana porque EDUCAR é LIBERTAR!

O desfile da Escola Municipal Professora Stella Fidélis trouxe o tema a "Independência do Brasil", a mais nova escola construída pela Administração Municipal, contou historicamente o processo de libertação do país que iniciou-se em 1808 e culminou com o grito do Ipiranga em 1822.

A Escola Municipal "Professora Stella Fidélis" atende aos Bairros São José e Aeroporto, antes desassistidos e recebeu este nome em homenagem à dedicação, ao carinho e ao brilhantismo desta Professora que marcou profundamente a história da Educação em nossa cidade.

A apresentação da bandinha do Centro Social Urbano, com 36 componentes foi criada pelo Governo

Christiano Canêdo dentro do “Projeto Criança Viva” e comoveu a todo o público que se concentrava na Coronel Domiciano. Este é apenas mais um dos projetos do C.S.U. do Santa Terezinha, criado no Governo João Braz; hoje o C.S.U. atende em várias frentes seja em atendimento médico-odontológico e de assistência social ou oferecendo cursos profissionalizantes à população carente do Bairro tais como: datilografia, datilografia em máquina elétrica, bordado industrial, cabeleireiro e vários outros visando sempre atender a toda comunidade.

A Escola Municipal “Professora Elza Rogério”, situada no Bairro Gaspar é uma das pérolas da Administração Atual, por sua beleza plástica e funcionalidade. Por isto mesmo desenvolveu um grandioso desfile com o tema: “Educação do descobrimento à Municipalização”. Onde em blocos distintos percorreram a história da Educação desde a chegada de Cabral, passando pelos Jesuítas – primeiros educadores –, pelo Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil Republicano, até a Municipalização da Educação ocorrida no Governo Christiano Canêdo & João Braz que entre outras coisas permitiram a valorização da Educação, reciclagem permanente dos professores, conservação da rede escolar, criação de escolas de 1º grau, extensão de séries, criação de pré-escolares, concursos públicos, aumento significativo do nº de alunos que em 1988 era de apenas mil e setecentos alunos hoje passa dos cinco mil e oitocentos alunos.

Na comemoração do dia do muriaense, três aspectos chamam a atenção para uma análise.

O primeiro deles se refere à forma de convocação para a homenagem ao fundado do dia, considerando a importância da presença e atuação das duas facções políticas concorrentes para a manutenção da tensão no campo político.

Explicando melhor, quando a família do homenageado está no poder, a convocação para a festa é feita pela prefeitura, que distribui uniformes às crianças, a fim de que elas

possam desfilar diante do olhar das famílias que descem dos morros para se orgulharem de seus filhos, netos, irmãos, todos tomando conta da rua como os personagens mais importantes da festa: “Eu gosto de ver o sorriso das mães, das avós desdentadas, felizes assistindo ao desfile das escolas criadas pelo tio Antônio e por mim. Me emociono mesmo”, disse um dos ex-prefeitos em entrevista.

Mas quando a família não está com o domínio da prefeitura, costuma-se proibir o desfile das crianças na homenagem, a fim de dificultar a presença da população. Assim, a convocação para a festa é feita pela Casa da Criança, que é o símbolo mais importante a legitimar as demais trocas políticas realizadas pela família ao tentar manter as relações de clientela. As mães são convidadas na própria Casa da Criança, e devem comparecer com seus filhos, atendidos gratuitamente por médicos da família que representam o falecido dr. Antônio. Um outro convite é distribuído no Brasil e no exterior a todos os muriaenses cadastrados. Este convite é assinado pela presidente da Casa, sempre um membro da família, conforme se pode observar em seguida:

Prezado Senhor,

Tradicionalmente, no dia 6 de setembro, os amigos do Dr. Antônio Canêdo, numa demonstração de eterna gratidão, se reúnem para prestar-lhe as homenagens de toda uma cidade, onde sucessivas gerações receberam nesses 47 anos de funcionamento de uma de suas obras — a Casa da Criança — a assistência e o amparo de seus benefícios.

Vimos convidá-lo e a sua família a participarem das solenidades programadas para a ocasião.

Dia: 6 de setembro/94

Hora: 9:00 horas

Local: Praça Lincoln dos Santos (em frente ao Fórum)

Atenciosamente,

Therezinha Ilva Canêdo Passos

Presidente da APMI, mantenedora da CASA DA CRIANÇA



A grande maioria dos convidados comparece à festa. Este comparecimento é facilitado pelo feriado de sete de setembro que permite a visita à cidade daqueles que moram fora do município. Uma oportunidade para rever e abraçar os parentes e os amigos. Mas é o trabalho intenso dos familiares do dr. Antônio Canêdo o que leva a homenagem ao sucesso esperado, como diz uma entrevistada, esposa de um dos políticos: "Nas vésperas do 'dia do muriaense', o C. fica impossível. Não dorme direito, telefona para a cidade toda, lembrando a homenagem. Cinco horas da manhã já está de pé, na maior tensão, para acompanhar a formação da banda de música da alvorada." Uma outra relatou: "O T. ligou pra minha casa várias vezes, dizendo que todos nós deveríamos ir à festa, até o nenê (...). Fomos todos, senão ele brigava."

Ora, o maior número de presentes à homenagem significa a probabilidade de uma vitória nas eleições dos partidários do falecido Antônio Canêdo. Daí a importância de a comemoração não se esgotar em frente ao busto do criador do 6 de setembro.

A continuidade da festa matutina é, assim, o segundo aspecto a ser analisado, considerando a necessidade de as tensões entre as duas facções familiares, sentidas na homenagem diante do busto do dr. Antônio Canêdo, serem equilibradas.

A continuidade se dá com um almoço festivo, de confraternização, organizado para homenagear os que, embora nascidos na cidade, habitam fora e aí estão presentes somente como convidados. É um almoço sem qualquer aparente conotação de atividade político-partidária ou eleitoreira, pois transfere para outras pessoas, não pertencentes ao grupo familiar, a iniciativa de organizá-lo e garantir o reconhecimento do enraizamento local. Dessa maneira, o grupo político oponente, presente ao almoço, também participa do

interesse para a continuidade dos festejos e o sucesso duradouro das homenagens. O jornal da cidade, datado de 12/9/1992, noticia a presença de quatrocentas pessoas no “Almoço de Confraternização dos Muriaenses Ausentes, o momento de maior êxtase no que se refere às comemorações do Dia do Muriaense”. Um número de presentes tão marcante tem sua existência justificada pelo ano eleitoral.

Assim, o terceiro aspecto a ser observado refere-se à preparação para o ritual maior, que são as eleições propriamente ditas.

A festa é realizada em setembro. As eleições brasileiras têm data em outubro. Assim, no dia do muriaense, em meio à emoção de encontros e de reativações de laços locais, garante-se, sem qualquer ato proposital realizado, a possível não-transferência dos títulos eleitorais dos ‘murienses ausentes’ para outros locais. Além disso, para os que moram na cidade, mas não são aí nascidos, neste 6 de setembro, Antônio Canêdo instituiu uma cerimônia que se realiza às 17 horas na prefeitura. Trata-se de uma cerimônia, prevista por lei, de outorga pelo Poder Legislativo do título de cidadão honorário aos que “prestaram relevantes serviços à comunidade”. É o que novamente reequilibra as tensões e leva a participação ‘do outro lado’, pois o prefeito, mesmo sendo da facção contrária, é obrigado a estar presente com todos os vereadores na entrega do diploma de cidadão muriaense. Ora, como cidadão local, o homenageado se vê diante dos deveres da cidadania, ou seja, o de votar na cidade. Assim, em relação aos títulos eleitorais, num curso inverso, os homenageados tratam de transferi-los de outras regiões para Muriaé.

Dessa maneira, perpetua-se o conjunto de relações constitutivas da ordem política social, ao se produzir uma resposta positiva dos eleitores à solicitação para a sua presença nas urnas da cidade, seja para ‘um lado’, seja para

'outro lado'. Em cultivando o eleitorado, os políticos profissionais se fazem elegíveis (no sentido de pretensão de representar os outros), encarnando famílias políticas.

Assim, por meio da realização de atos múltiplos que lhe dão sentido, a comemoração do dia 6 de setembro consegue exibir e medir a longevidade, a força e a competência dos detentores da autoridade política que criaram esse dia de confraternização. Daí o fato de o ritual se realizar com todas as suas seqüências e gestos voltados para um presente misturado com um passado. Um passado, de acordo com o registro do jornal transcrito atrás, que se estabiliza no futuro: "Um grandioso desfile (...) onde em blocos distintos (os alunos) percorreram a história da Educação desde a chegada de Cabral, passando pelos jesuítas — primeiros educadores —, pelo Brasil colônia, Brasil império, Brasil republicano, até a municipalização da educação ocorrida no governo Christiano Canêdo."

A história como símbolo e como alegoria

Com essas duas descrições espero ter alcançado o meu propósito de mostrar como, num processo de ritualização, as práticas, as normas, as seqüências e as repetições vão ordenando as categorias de pensamento e de percepção que aplicamos espontaneamente ao mundo político. E, também, por meio dessas duas cerimônias, ter esclarecido essa espécie de programa (no sentido da informática), historicamente montado, e que é responsável pela eficácia dos estímulos desencadeados por aqueles que detêm o domínio prático do poder, pois são estímulos que só podem se exercer em organismos dispostos a percebê-los, uma vez que não têm por princípio uma intenção consciente e racional, mas, no sentido dado

por Bourdieu, disposição de *habitus* que tendem espontaneamente a reproduzir as condições de sua própria existência.

Esses dois rituais descritos, entretanto, diferenciam-se num aspecto muito importante para se compreender os atos que favorecem a reprodução dos esquemas de percepção propícios à naturalizar a ordem política. No enterro do 'primo Augusto', como o ritual foi realizado diante da ameaça de um desequilíbrio familiar, ele acabou por se transformar em símbolo, ao trazer a história num momento de incerteza e de iminência de risco para o patrimônio político familiar. Na festa do muriaense, o símbolo é transformado em alegoria, metáfora sem história.

O que importa considerar, portanto, é que as alegorias utilizadas na festa do muriaense contribuem para que os estímulos cheguem de forma simplificada, sem passado, sem presente e sem futuro ordenado de forma cronológica. Tal como os estímulos normalmente utilizados na nossa sociedade técnica necessitada de dizer o máximo com o mínimo. Diferentemente, na cerimônia do cemitério, as datas dos túmulos, a precisão dos nomes e a relação das indicações que guiam a construção da identidade política aparecem como antítese dos sinais genéricos que povoam a mente popular. Mas, tanto numa cerimônia como noutra podem-se perceber as dimensões das instabilidades e das possibilidades históricas aí contidas. Nelas estão escondidas as ações políticas importantes, aquelas capazes de tornar verdade o que não é verdade, legitimando fenômenos que estão já incorporados nos cérebros e nos corpos da população.

É nesse sentido que acredito que é nos rituais que a duração em política deve ser procurada.